



ANA MIRANDA

// www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br //

Candango: pequena história de uma palavra

Quando cheguei em Brasília, em janeiro de 1959, a palavra candango era usada para designar apenas os operários que trabalhavam na construção da cidade. Tinha uma acepção que representava o preconceito existente contra os nordestinos chegados um ano antes, retirados de uma grande seca. Depois perdeu seu caráter pejorativo e passou a incluir todos os pioneiros que trabalharam na construção de Brasília, acabando por abarcar os moradores da cidade, em geral. Hoje, como uma espécie de homenagem, justíssima, é um gentílico para todo aquele que nasce em Brasília.

É linda a palavra, parece nome de uma planta que alucina, parece um som de tambor, uma reverberação, um ruído primordial... Candango tem etimologia controversa, mas certamente é de origem banta. Em Cuba, país de fortíssima presença africana, candango significa bobalhão, mentecapto, dotoio, enfraquecido... Li em algum lugar que ela teria vindo de uma palavra africana equivalente a "iludir com lisonjas". Ortiz vê essa palavra como originária do quicongo, kunda, que é encurvar-se, dobrar a espinha, render homenagem, ou adorar, o que parece sensato, como anterior à sugestão pejorativa, pois primeiramente os africanos teriam se curvado aos estrangeiros negociantes, depois os teriam visto como ilusores, em seguida como captores inimigos. Tudo isso faz sentido, usando-se um pouco de imaginação.

Aqui no Brasil, a palavra candango percorreu um caminho sinuoso. Meu dicionário Aurélio diz que ela nasceu de kungundu, diminutivo de kingundu, em quimbundo. Kungundu exprimia, para

os nossos escravos africanos, a idéia de ruim, ordinário, vilão. Era a designação que eles davam aos portugueses dedicados ao infame e rendoso tráfico negroiro. Essa palavra carregava significados tão pesados e maus, que só era pronunciada na intimidade da conversação na senzala.

O dicionário etimológico localiza a palavra candango no finalzinho do século 19, mas eu acho que é bem mais antiga aqui por estas plagas, porém de uso oral, popular, sem registro. Secreta. Caiu em desuso a acepção de indivíduo ruim, sem valor, ou pessoa de mau gosto. Ressurgiu em Brasília nos anos 1950, não se sabe como, provavelmente levada pelos afro-baianos, ou afro-pernambucanos, pelos descendentes dos escravos das senzalas, que acorreram à cidade para trabalhar na construção. Os operários de Brasília, no tempo da construção, eram conhecidos como piões, uma palavra também usada para os operários fabris, mas que em Brasília fazia uma alusão à alta-rotatividade dos trabalhadores da construção civil. No livro de Nair H. Bicalho de Sousa, o pedreiro João, construtor da cidade, contou que era o presidente Juscelino Kubitschek quem usava a palavra candango para nomear os operários, talvez consciente de que eles não gostavam de ser chamados de piões, que consideravam palavra apriorística. "Eu acho que negócio de pião que eles fala assim, é quase que um desfazimento na classe operária..." (carpinteiro Agripino). Ou, como era bom político, nosso presidente teria encontrado uma nova palavra que apagava a ideologia residente nas

denominações pião ou operário... Aquela, expressando uma forma de excluir os trabalhadores do processo oficial.

Diz o pedreiro João: "Esse nome, o que chamava pião, é porque Juscelino chamava o povo candango, né? Que até eu mesmo cansei de ver ele mesmo dizer que era nós candango. E ele dizia era assim, num era só candango, não. (...) Esse nome (candango) apareceu aqui mesmo em Brasília, porque pião é uma pessoa lá pro Norte, pra esses lugar por aí, é uma pessoa que amunta, que é amansador de animal, então, que tem esse nome (pião). Então é o nome, então, eles chama pião. Aqui é homem de obra, em vez de chamar operário, chama é pião." Candango, então, teria nascido com uma conotação política.

"É LINDA A PALAVRA, PARECE NOME DE UMA PLANTA QUE ALUCINA, PARECE UM SOM DE TAMBOR, UMA REVERBERAÇÃO, UM RUÍDO PRIMORDIAL"



MÚSICA

O bem-amado

TERESA ALBUQUERQUE
DA EQUIPE DO CORREIO

No escritório de Amado Batista, há um mapa do Brasil cheio de bolinhas coloridas. São as marcações de shows que ele faz pelo país, cerca de 120 por ano. "Já andei o Brasil todo. Onde as pessoas me contrataram, tendo o básico para uma boa apresentação, estou pronto para atender", avisa o cantor, que viaja com equipe de 12 pessoas e mantém a agenda sob controle para não repetir os excessos do início de carreira. "Quando estourei, chegava a fazer 30 por mês, às vezes até cinco no mesmo dia. E com banda, imagine o cansaço que era."

Com 33 anos de estrada, mais de 20 milhões de cópias vendidas e um CD novo na praça – *Acústico*, o 30º da carreira –, ele hoje tenta se adaptar aos tempos de pirataria (é um dos campeões entre os ambulantes), vê dois filhos seguindo o caminho (Erich e Bruno são cantores, têm dois discos) e parece não ligar muito para os rótulos que insistem em acompanhá-lo: "brega", "cafona", "rei das empregadas". "Isso é ridículo, mas fazer o quê? É chato ver alguém tentar denegrir sua imagem porque você é um cantor popular que vende tantos discos. Devia ser o contrário, enaltecer o artista. Mas não posso mudar a cabeça das pessoas, elas falam o que querem. Nem Cristo foi unânime, não é verdade?"

Gravado em 20 de agosto no estúdio Mosh, em São Paulo, *Acústico* traz quatro inéditas e 11 antigos sucessos (de discos também "acústicos", só que este traz um cello, por exemplo, e os violões aparecem mais), como *Pensando em você*, *Estrada velha* e *Reclamando sua ausência*. Faixas com melodias simples e letras sentimentais que, como ele diz, "são

entendidas por todo mundo, não precisa ir ao quadro negro para analisar". O DVD, que chega às lojas no fim do mês, vem com making of do show e depoimentos dos artistas que participaram da noite.

São cinco os convidados especiais do disco. O cantor Leonardo, amigo de longa data, vizinho em Goiânia, comparece em *Carta sobre a mesa*. Rosemary divide os vocais em *Separação*, gravada por ela em 1992; Fagner, em *Romance no deserto* (versão de Fausto Nilo para *Romance in Durango*, de Bob Dylan). Representando a nova geração de cantores românticos, Eduardo Costa divide com o ídolo a "faixa de trabalho", *Amigo*. Já Sérgio Reis canta *Desisto*, o primeiro sucesso de Amado Batista. "Sérgio é meu amigo desde 1975. Ele me ajudou muito na carreira, abriu as portas do *Programa do Bolinha* para mim, me aproximou da indústria. Devo muito a ele."

De faxineiro a popstar
Nascido em Catalão (GO) em 1951, Amado Batista trabalhou

em lavoura até os 14 anos, assim como os 12 irmãos. Mudou-se para Goiânia em 1965, quando perdeu o pai. Foi faxineiro, catador de papel, office boy, vendedor de livreria, dono de loja de disco. "Foi importante ter passado por tudo isso. Feliz aquele que tem a possibilidade de aprender com a vida e os bancos da escola", acredita.

Nos tempos da livreria (e de ditadura militar), chegou a passar dois meses preso. Diz que foi por causa de uma turma que conheceu no trabalho. "Eu ficava até às 22h e os caras sempre estavam lá à noite. Facilitava a vida deles para ler os livros proibidos, *A mãe*, de Máximo Gorki; *Che Guevara*... Devia ter alguém vigiando. Foi turado, sim. Fiquei muito revoltado na época, depois superei."

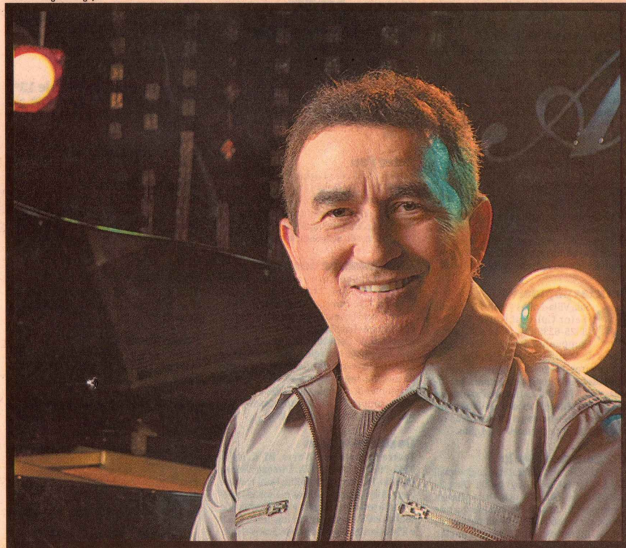
Mais tarde, teria problemas também com a censura – embora nunca tenha escrito sequer uma letra com teor político. Segundo ele, pelo menos três músicas foram proibidas: *Quenquino céu*, *Vitamina e cura* (pelo conteúdo "sensual") e *Mascando chiclete*.

"Essa é uma que os Titãs cantavam no início da carreira", conta. "Falava de uma garotinha inconsequente, de 14 anos, que vivia mascando chicletes, envolvida com um cara que mexia com tóxicos. Mudei uma palavra, troquei 'traficante' por 'garotão', e liberaram."

A loja de discos que ele montou em Goiânia durou de 1970 a 1978. "Começou pequena, depois viraram quatro. E fui à falência por causa da música também. Como administrador, estava sendo ótimo. Mas saí para fazer show. Quando voltei, já tinham levado minhas lojas", ri.

Foi nessa época que ele

Marcelo Rangel/Divulgação



ACÚSTICO É O 30º DISCO DE AMADO BATISTA, QUE TEM 33 ANOS DE CARREIRA E VENDEU MAIS DE 20 MILHÕES DE CÓPIAS

conheceu José Fernandes, que viria a se tornar um de seus principais parceiros musicais, ao lado de Reginaldo Sodré. Amado descobriu Fernandes em 1977 e, no ano seguinte, já tinha gravado três músicas do rapaz. "Ele morava numa favela de Goiânia, tinha 14 irmãos, dormia em papelão. Cresceu muito, foi comendo cada vez melhor. Gravei umas 50 músicas dele." Outras 20 estão no baú de inéditas do cantor. José Fernandes morreu em maio deste ano. *Amigo José*, a quarta faixa do *Acústico*, é dedicada a ele.

Independente

Acústico marca a volta de Amado Batista à BMG (hoje Sony BMG), gravadora em que permaneceu por 14 anos. Estava lá em 1985,

quando vendeu 1,5 milhão de cópias de um único LP e viu Chacrinha passar uma semana fazendo festa, anunciando que entregaria um disco de diamante em seu programa. Ninguém tinha ido à tevê para receber tal prêmio, até porque ele não existia. Foi inventado para o cantor, um dos primeiros a "ameaçar" o reinado de Roberto Carlos – que, aliás, sempre foi sua maior referência musical ("ele é realmente o máximo").

Como Roberto, Amado lançou um disco por ano. De uns tempos para cá, passou a gravar de dois em dois. "Por causa da pirataria, não compensa gravar disco todo ano. Várias vezes fui o primeiro da lista de CDs piratas. É muito ruim", comenta ele, que chegou a abrir um selo (AB Mu-

sic) para lançar o CD *Perdido de amor*, em 2006. "Hoje, prefiro ter uma gravadora para cuidar de marketing e me deixar livre para produzir, cantar. Mas foi bom ter feito aquele disco pelo selo. Esta-va chateado com a Warner e não quis renovar contrato. Se vendi 200 mil CDs e 100 mil DVDs, provei que estava certo, né? São bons números para a realidade de hoje. E isso (o selo) não está descartado, não. Resolvi tentar de novo com a Sony BMG. Se der certo, ótimo. Se não, faço eu mesmo."

Sony BMG/Divulgação



AMADO BATISTA ACÚSTICO

Trigésimo disco do cantor e compositor, produzido por ele e Reginaldo Sodré. Lançamento Sony BMG, 15 faixas.

correlobrazilense.com.br

OUÇA: Trecho da música *Amigo* e da entrevista com o cantor